

A INFÂNCIA E SUAS LINGUAGENS

Juliana de Oliveira Freire

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Ingrid Dittrich Wiggers

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Aldecilene Cerqueira Barreto

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

O livro *A infância e suas linguagens*, fruto de um seminário internacional que reuniu especialistas do Brasil, Itália e Espanha do campo das linguagens, é uma coletânea subdividida em oito seções. Marcia Aparecida Gobbi e Mônica Appezzato Pinazza, pesquisadoras de renome no âmbito da educação da infância, formação de professores e estudos comparados, são as organizadoras desta coletânea, bem como as autoras da primeira e da segunda seção.

Nesta obra, prefaciada por Tizuko Kishimoto, reconhecida nacional e internacionalmente por sua atuação na educação infantil e formação de professores, a criança é vista como sujeito social, cultural e histórico, detentora de direitos e não apenas receptora passiva de processos de ensino-aprendizagem. Por meio de uma abordagem multidisciplinar, ao longo das sessões são debatidas as diversas maneiras de expressão da linguagem por parte da criança. Nesse sentido, a leitura, a imaginação, a ludicidade, o corpo, a dança, a arte, o desenho, são apresentados como formas de expressão e linguagens, assim como possibilidades na organização do trabalho pedagógico de um professor que vislumbre o protagonismo das crianças.

Com o sugestivo título *Linguagens infantis: convite à leitura*, as organizadoras iniciam a primeira seção apresentando os documentos oficiais norteadores das políticas públicas para a Educação Infantil. Para as autoras, a partir da década de 1990, o debate de especialistas e legisladores é consensual ao vislumbrar o direito a meios e espaços para manifestação das múltiplas linguagens da criança, em contraposição às concepções históricas de tutela e escolarização na educação infantil. Apesar disso, reconhecem a carência de literatura nacional que relacione a formação de professores e pesquisadores que atuam na educação de crianças pequenas, estruturada sob os eixos da exploração das diversas linguagens e expressões artísticas. Encerram a seção apresentando um panorama da obra e seus autores.

Na segunda seção, *Infâncias e suas linguagens: formação de professores, imaginação e fantasia*, as organizadoras fazem uma defesa ao direito, desde a infância, à criação poética e à brincadeira. Para isso, explicitam a necessidade de uma prática docente que favoreça a educação integral, com amplas experiências e estímulo à imaginação e à criatividade. Partindo dos pressupostos da pedagogia de Friedrich Froebel, um dos primeiros pensadores da Educação Infantil a considerar a importância da brincadeira, da música, da poesia e do movimento para a educação das crianças, as autoras estabelecem um diálogo entre as ideias de experiência como importante atividade intelectual de John Dewey, da subjetividade da arte de Lev Vigotski e da educação como mediadora e não *transmissora* de cultura, de Jerome Bruner. Com isso, evidenciam, em hierarquizações, a possibilidade de relação entre a ciência,

a arte e a infância, em uma prática educativa que contemple a expressão plural do pensamento humano e considere as vozes das crianças.

Na terceira seção, *O direito das crianças de sonhar*, Juan Mata, pesquisador dos temas imaginação e fantasia, reitera a importância da linguagem poética e da literatura para a criança, a qual, segundo o autor, extrapola a racionalidade, abre espaço para a imaginação e a criatividade. Mata se apropria do conceito de devaneio de Gaston Bachelard para falar do momento em que se tem liberdade para imaginar além das imposições e preocupações com o mundo real. Considera a importância do contato prazeroso com a literatura desde a mais tenra infância como estímulo à imaginação poética, que repercutirá na ampliação da capacidade linguística e no desenvolvimento psíquico da criança, buscando a superação da dicotomia razão e imaginação. Desse modo, explicita a necessidade de propiciar à criança o contato com as metáforas, as múltiplas maneiras de usar a língua de modo poético, imbuído de emoções e significados.

Isabel Marques, por sua larga experiência em pesquisa, formação docente e prática da dança na Educação Infantil, na quarta seção, *Corpos e danças na educação infantil*, trata de modo singular o papel da dança como linguagem. Retrata possibilidades de trabalho sob uma ótica de protagonismo, conhecimento, compreensão do corpo e sua relação com o outro por meio da dança. Para tanto, aborda os corpos de crianças e professores, não só um corpo biológico, mas um corpo social e historicamente construído, cujas vivências anteriores e os espaços disponíveis influenciam no modo como a dança é vista e ensinada na escola. Para a autora, a dança é uma expressão que extrapola as meras repetições de movimentos pré-determinados, sendo necessária uma prática crítico-reflexiva, o que denomina “dança no contexto”, relacionando a sociedade, o ensino e a dança.

Os traços invisíveis nos desenhos das crianças, na quinta seção, de Gianfranco Staccioli, pesquisador da área de desenho e infância, que atua na formação de professores, mostra a gênese dos estudos sobre desenhos infantis a partir do século XIX, além das possibilidades e dimensões possíveis de se estudar o tema: a teoria das fases, teorias psicológicas, teorias artísticas e teorias processuais. Ao tratar as potencialidades e limitações de cada uma, apresenta o que denomina o *invisível*, uma alternativa na busca por compreender não apenas o que está explícito de forma realista e explicativa, mas as representações metafóricas presentes nos desenhos das crianças. Traça sua argumentação a partir de exemplos de interpretações de desenhos infantis, ressaltando a necessidade de realizar perguntas à criança acerca do contexto em que realizou o desenho para captar as entrelinhas, os significados das escolhas, das cores e das representações.

Com o olhar de uma artista plástica, ilustradora, escritora e pesquisadora, Edith Derdyk, em *Papel em branco*, na sexta seção, trata das limitações impostas ao desenho no ambiente escolar, em oposição às inúmeras possibilidades ao nos depararmos com o papel em branco. Expõe uma reflexão sobre o declínio da criatividade e expressividade da criança com o passar do tempo, sobretudo a partir do domínio da escrita, o que será reforçado até a idade adulta. Tece considerações a respeito das opções metodológicas e do contexto da escola que podem repercutir no ensino da Arte como alternativa para estimular a originalidade, com o intuito de romper com a padronização. Relata a forma poética da criação do desenho como linguagem expressivada subjetividade humana, com estímulo à criatividade, à liberdade, contrapondo o modo racional e limitante, que busca apenas a representação do real.

Em *A didática da maravilha: um novo paradigma epistemológico*, na sétima seção, Elisabetta Nigris, atuante na área da didática e pesquisas em formação de professores, relata como a didática tradicional pode se transformar em *didática da maravilha*, partindo de uma analogia entre os sentimentos e sensações provocados pelo contato com a arte e o desejo de conhecer e explorar o mundo. Para a autora, a aprendizagem significativa é mais prazerosa, rica e imbuída de emoções e sensações, logo, a dicotomia corpo e mente, tempo de fazer e

tempo de pensar precisam ser superadas. Compara a criatividade e a informalidade do cientista, em um ambiente de aparente desordem, com o ambiente em que há muitas crianças curiosas e admiradas com as suas descobertas em relação ao mundo. Nesse contexto, apresenta essa didática da admiração, em que tanto o professor quanto o aluno estão envolvidos no mesmo processo que instiga o pensamento e não apenas a reprodução, que permite à criança aprender com seus supostos erros ao desenvolverem caminhos próprios, não previstos pelos adultos, na busca por compreender as questões propostas.

Ana Lúcia Goulart de Faria, pesquisadora da Educação Infantil e formação de professores, estabelece uma relação entre a pedagogia em pré-escolas e anos iniciais do ensino fundamental com a arte, na oitava e última seção *Crianças pequenas e grandes: brasileiras e italianas: encontros da pedagogia da infância com a arte*. Corroborando com a *didática da maravilha*, tratada por Elisabetta Nigris, apresenta a tendência das mais recentes pesquisas sobre a organização do trabalho pedagógico com crianças, partindo de novas concepções de infância e criança, que passam a considerá-las como sujeitos de direitos, que precisam participar ativamente dos processos de aprendizagem. Apresenta algumas de suas pesquisas realizadas no Brasil e na Itália, pelas quais apresenta possibilidades para a formação docente que parta das práticas infantis. Além disso, demonstra, a partir de exemplos práticos, a riqueza da arte na formação docente do pedagogo.

Em suma, é um livro instigante, com uma leitura agradável, interessante e atual para quem busca compreender as diversas formas de expressão da criança a partir de um ponto de vista artístico e poético, passando pelo desenho, pela dança, pela literatura e pela imaginação. Além disso, apresenta relevantes contribuições para o campo de estudos da infância, sob o ponto de vista do protagonismo das crianças, sem a compartimentalizar, mas considerando sua totalidade. É uma leitura recomendada não apenas para quem trabalha com crianças, mas para quem deseja compreender a importância dos sonhos, das fantasias, da expressividade e da criatividade: “Ao sonhar com a infância, regressamos à morada dos devaneios, aos devaneios que nos abriram o mundo” (BACHELARD, 1988, p. 97).

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GOBBI, M. A. (Org.); Pinazza, M.A. (Org.). **Infância e suas Linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014. 170 p.

.....

Recebido em: 10/03/2016

Revisado em: 02/05/2016

Aprovado em: 23/05/2016

Endereço para correspondência:

juliana2609@gmail.com

Juliana de Oliveira Freire

Universidade de Brasília

Campus Universitário Darcy Ribeiro

Brasília - DF, 70910-900